

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de Conclusão de Curso II

**O KARATÊ COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR – UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Guilherme Notti do Prado

Porto Alegre

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Trabalho de Conclusão de Curso II

**O KARATÊ COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR – UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Guilherme Notti do Prado

Pesquisa apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob orientação do professor Alberto Monteiro.

Porto Alegre

2009

RESUMO

Devido à atual escassez de ensino da prática do Karate nas aulas de Educação Física das escolas de Ensino Infantil e Fundamental, da cidade de Porto Alegre, tornou-se necessária a realização de trabalhos e pesquisas que busquem incentivar a introdução deste esporte no âmbito escolar. Inicialmente o interesse em investigar o tema partiu da experiência de mais de vinte anos de prática nesta modalidade, por parte do pesquisador. O presente estudo teve por objetivo incentivar a prática do karatê nas aulas de Educação Física Escolar, ressaltando sua importância não apenas como um conteúdo a mais no currículo da Educação Física, mas como uma ferramenta disciplinar que vise o desenvolvimento motor, social, cognitivo, ético, crítico e emocional das crianças e dos adolescentes deste meio. O trabalho serve para que haja uma melhor compreensão e um aprimoramento do conhecimento em relação ao karatê e sua possibilidade de tornar-se uma atividade da escola regular. Procurou-se, através de uma revisão de literatura, abordar alguns aspectos relevantes sobre a pedagogia geral e a pedagogia do esporte, bem como sobre o karatê e seu significado, passando por sua história, sua prática e sua filosofia. Também se buscou identificar os benefícios, as limitações e os desafios relacionados ao karatê e sua prática como conteúdo da Educação Física Escolar. Realizou-se uma análise sobre esta revisão teórica, buscando responder à seguinte questão: Até que ponto o ensino do karatê nas escolas poderia contribuir para a formação de seus alunos?

Palavras-chave: Karatê. Educação física escolar.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	05
2. Objetivo.....	07
3. Metodologia.....	08
4. Revisão de Literatura.....	10
4.1) Aspectos Pedagógicos.....	10
4.1.1) Pedagogia Geral.....	10
4.1.2) Pedagogia do Esporte.....	12
4.2) O Karatê.....	15
4.2.1) O que é o Karatê.....	15
4.2.2) A História do Karatê.....	16
4.2.3) A Prática do Karatê.....	18
4.2.4) A Filosofia do Karatê.....	19
4.3) O Karatê como conteúdo da Educação Física Escolar: Benefícios, Limitações e Desafios.....	22
5. Considerações finais.....	30
Referências.....	32

1 INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) caracterizam os esportes de combate/luta como

disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa, caracterizando-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados como exemplo de luta as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da Capoeira, do Judô e do Karatê (BRASIL, 1998, p. 70 apud Ferreira 2005).

O karatê-dô, objeto de estudo deste trabalho, significa “o caminho das mãos vazias” em japonês. É uma arte marcial de defesa pessoal de origem oriental, e tem como principal objetivo o desenvolvimento do caráter de seus praticantes (Nakayama, 1978).

Por não haver registros históricos sobre o karatê, não se sabe exatamente a data em que este teve origem. Porém, diversos relatos apontam para seu surgimento na ilha de Okinawa, ao sul do Japão, onde, na antiguidade, diversas formas de combate sem armas foram desenvolvidas e praticadas em segredo, devido à influência dos fidalgos japoneses que haviam conquistado a ilha e proibido seus súditos de carregarem armas.

O karatê moderno surgiu quando o falecido mestre Gichin Funakoshi (1868–1957), que na época era líder da Sociedade Okinawa de Artes Marciais, foi solicitado pelo Ministério da Educação do Japão a conduzir apresentações de karatê em Tóquio, em maio de 1922. A nova arte foi muito bem aceita e introduzida em diversas universidades, onde “criou raízes e começou a florescer” (Confederação Brasileira de Karate; Federação Gaúcha de Karate).

Atualmente, o karatê encontra-se em constante crescimento no Brasil e no Mundo. Sua prática de origem oriental é ensinada principalmente em clubes e academias, além de outros locais onde têm andamento alguns projetos sociais ou até mesmo aulas a domicílio. Já se encontra sua prática inclusive em algumas escolas regulares no Brasil.

Todavia, na cidade de Porto Alegre, mesmo sendo uma disciplina que consta no currículo de formação de professores de Educação Física,

praticamente não se vê o ensino do karatê incluído nas aulas de Educação Física das escolas de Ensino Infantil e Fundamental. Logo, cabe indagar: Por que não?

Diversos motivos podem ser atribuídos a isto, como por exemplo, a falta de professores de Educação Física capacitados para ensinar o karatê, ou até mesmo por um preconceito das escolas, que temem um aumento da agressividade entre os alunos devido ao ensino de uma arte marcial.

Propõe-se, com este trabalho, ressaltar a importância do karatê como um meio de formação favorável ao desenvolvimento motor, social, cognitivo, ético, crítico e emocional dos alunos, buscando incentivar sua prática como conteúdo da Educação Física Escolar, bem como incentivar novas pesquisas sobre o tema proposto.

Este estudo é apresentado na forma de uma revisão de literatura feita através de leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa de artigos científicos, dissertações, teses e livros existentes sobre os assuntos relevantes ao trabalho, além de pesquisas realizadas na internet.

Inicialmente, são abordados alguns aspectos da pedagogia geral e da pedagogia do esporte, seguidos de uma revisão sobre o karatê, desde seu significado até sua história, sua prática e sua filosofia. Após são apontados aspectos relevantes da literatura, para o trabalho do karatê como conteúdo da Educação Física Escolar, abordando desde os benefícios pretendidos com o ensino desta modalidade até as limitações e os desafios referentes à sua introdução nas escolas regulares.

Ao final, é feita uma análise com base nesta revisão teórica, procurando responder à seguinte questão: Até que ponto o ensino do karatê nas escolas poderia contribuir para a formação de seus alunos?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Incentivar o ensino do karatê como conteúdo da Educação Física Escolar, ressaltando a importância da inserção desta prática nas escolas regulares, como um excelente meio de formação e desenvolvimento motor, cognitivo, social, ético, crítico e emocional das crianças e dos adolescentes deste meio.

2.2 Objetivos Específicos

- Verificar, na literatura existente, aspectos relevantes relacionados ao ensino do karatê como prática pedagógica e suas possibilidades de trabalho nas aulas de Educação Física Escolar.

- Contribuir para o aprimoramento do conhecimento sobre a pedagogia, o karatê e sua possível inserção nas aulas de Educação Física das escolas regulares.

- Apontar os benefícios pretendidos com o ensino e o treinamento do karatê.

- Incentivar novas pesquisas na área do karatê.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Investigação

Este estudo é caracterizado por ser uma revisão bibliográfica (LAKATOS; MARCONI, 1991). Tem como meta pesquisar, na literatura existente sobre a pedagogia e sobre o karatê, aspectos relevantes para incentivar a introdução deste esporte nas aulas de Educação Física Escolar, buscando aprimorar o conhecimento sobre o assunto.

3.2 Plano de Coleta de Dados

Para fazer esta pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos:

3.2.1 Identificação das fontes

As fontes foram identificadas através de consultas a livros sobre o karatê e a pedagogia, bem como de artigos de revistas científicas, teses de doutorado, dissertações de mestrado e pesquisas na internet sobre o assunto.

3.2.2 Localização das fontes

Estas fontes foram localizadas através dos fichários das bibliotecas pesquisadas para obtenção de livros e revistas, e através de sites sobre o assunto na internet.

3.2.3 Compilação

A compilação partiu da leitura do material conseguido, a fim de identificar as informações, estabelecer um paralelo delas, analisando sua consistência e veracidade. A leitura desse material seguiu a seguinte seqüência: Leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa.

3.2.4 Fichamento

Foi o procedimento feito após a leitura do material coletado, através da confecção de fichas de identificação dessas obras consultadas, do registro do conteúdo das obras, do registro do comentário, colocando na ordem os registros e classificando as fichas.

3.2.5 Análise e Interpretação

Foi realizada uma análise crítica do material teórico consultado, considerando um juízo de valor sobre determinado material científico.

3.2.6 Redação

Esta etapa significou o final da pesquisa, na qual foi redigido, dentro das normas da ABNT exigidas para o trabalho de conclusão de curso, pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande de Sul.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Aspectos Pedagógicos

4.1.1 Pedagogia Geral

A palavra *pedagogia* é entendida desde a antigüidade como originária de duas palavras gregas: a palavra “Pais, paidós”, que significa criança, e a palavra “ago, agein”, que indica conduzir, guiar, dirigir. “Ped” é uma contração de “paid”; “agog” é a raiz com duplicação Ática de “ago” e “ia” é o sufixo grego que dá valor ao substantivo, tornando o significado da palavra pedagogia em “guia ou condução da criança” (Faria Jr., 1972, p. 2).

Paidagogia designava, na Grécia antiga, o acompanhamento e a vigilância do jovem. O paidagogo (conductor de criança) era o escravo cuja atividade específica consistia em guiar as crianças à escola, seja a didascaléia, onde receberiam as primeiras letras, seja o gymnásion, local de cultivo do corpo (Ghiraldelli Jr., 1996, p. 10).

Outros significados para a pedagogia são trazidos por São Clemente de Alexandria no século II. Contudo, por serem significados inconsistentes, alguns estudiosos resolveram conceituar a pedagogia como “arte de educar”, “ciência da educação” ou “ciência e técnica da educação”. Entendendo tais conceitos como limitados, chegou-se à “ciência da arte de educar” (Faria Jr., 1972, p. 2-3).

Segundo Faria Jr. (1972) e Ghiraldelli Jr. (1996), a pedagogia era tratada inicialmente de forma empírica. Entretanto, mais tarde, alguns princípios e normas foram sistematizados, reavaliados e reformulados, sofrendo em seguida a influência de pensadores filosóficos como Sócrates, Platão e Aristóteles, surgindo daí novas normas e diretrizes que atendessem às exigências humanas e sociais da educação, conhecidas como fase da reflexão e crítica filosófica. No séc XIX, surge para a pedagogia, a fase da pesquisa científica, que foi estimulada pela expansão do pensamento positivista, pela controvérsia evolucionista e pela rápida democratização da educação, aumentando a responsabilidade social da escola.

Desta forma, a filosofia, a ciência e a técnica da educação fazem parte da pedagogia. Atualmente, esta é conceituada tomando por base seu conteúdo: “Pedagogia é o conjunto de conhecimentos sistemáticos sobre o fenômeno educativo”. Neste sentido, abrange os conhecimentos acumulados, organizados e sistematizados, sobre a problemática da educação (Faria Jr., 1972, p. 3).

Já a educação é definida como “o fato social pelo qual uma sociedade transmite o seu patrimônio cultural e suas experiências de uma geração mais velha para uma mais nova, garantindo sua continuidade histórica” (Ghiraldelli Jr., 1996, p.10).

Para Paulo Freire (2000), aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser. Segundo o autor, ensinando se aprende e aprendendo se ensina.

A pedagogia de Freire (2000) é fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando, e é vigilante contra todas as práticas de desumanização.

Para o autor, o ser humano é o único ser capaz de aprender com satisfação e com a esperança convicta de que uma mudança é possível. Ele insiste na especificidade humana do ensino, enquanto competência profissional e generosidade pessoal, sem autoritarismos e arrogância. Segundo ele, só assim nascerá um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre a autoridade do professor e a liberdade do aluno. Para Freire (2000), não se poderá separar “prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender” (p. 106-107).

O autor afirma que o ensino é muito mais que uma profissão; é uma missão que exige comprovados saberes em seu processo dinâmico de promoção da autonomia do ser de todos os educandos.

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (Freire, 2000, p. 36-37).

Como perspectiva das relações professor-aluno, deve-se exercer ao “ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica” (Freire, 1996, p. 38 apud Lage, 2007), propiciando a compreensão do que vem sendo comunicado e respeitando os *saberes de experiência* feito do educando.

Saberes de experiência feitos são os saberes que os educandos já trazem consigo, suas experiências anteriores, saberes socialmente construídos na prática comunitária. É fundamental que os educadores não só respeitem esses saberes dos educandos, mas que discutam com os educandos a razão de ser de alguns desses saberes, em relação com o ensino dos conteúdos (Freire, 1996 apud Lage, 2007).

Se a escola não pode ensinar a amar (e, além disso, não pode ensinar virtudes como a prudência, a coragem, a justiça, a generosidade e a doçura, dentre outras), não vale a pena ensinar mais nada, pois de que vale uma mente ágil e perspicaz, cheia de informações e idéias, se o autor de tais idéias não for capaz de amar, ou não for corajoso e generoso? (Freire; Scaglia, 2003, p. 176 apud Silva, 2004).

4.1.2 Pedagogia do Esporte

Bento (1999) defende que, sobre os músculos, a condição física, as capacidades motoras e tudo que é gerado no desporto, perfilam normas e princípios de conduta moral. Ele destaca que o comportamento motor e o moral são indissociáveis, assim como a razão e a emoção.

Ele assim descreve a pedagogia do desporto:

Tem que ser uma pedagogia da palavra nova e alta, aberta e aumentativa, crescida e substantiva. Uma pedagogia contra a palavra pequena deprimente, envergonhada, fechada, baixa, rasteira e banal. Uma pedagogia da essencialidade contra a banalidade da profundidade contra a superficialidade, da autenticidade contra a inautenticidade. Uma pedagogia da palavra viva, desafiadora, encorajadora e contagiante, contra a palavra da negação, do silenciamento e morte da nossa condição de humanos. Uma pedagogia que entenda o desporto como um meio de dar a palavra ao homem, de o retirar da vergonha do silêncio. Uma pedagogia de qualidade e de palavras de qualidade sobre o desporto, sobre as suas práticas e sobre os praticantes. Uma pedagogia das razões de educar o homem no e pelo desporto" (Bento, 1999, p. 25).

O autor menciona que devemos enfatizar o papel humano, ético, moral e correto do ponto de vista do desporto, a fim de investigar, estando cientes de

que isto gerará respostas, e que tais realizações produzirão novos problemas. (Bento, 1999)

Para Bento (1999), as crianças precisam de segurança, mas isso não substitui a necessidade de descobertas e de experiências, associadas aos riscos, à aventura, aos problemas e conflitos criados no desporto. Ele cita Shierz (1994):

Lança-nos como todo propósito uma série de perguntas provocatórias: O que é que pode contrapor ou criticar quando a criança e jovens se querem realizar num desporto diferente daquele que o cardápio de preferências dos adultos lhes quer impingir? Por que é que não deverão praticar um desporto que lhes provoca nódoas, contusões e arranhões, que exibem com orgulho e como troféus e provas do seu empenhamento sério? Que mal tem um desporto que funcione como instrumento de satisfação de necessidades narcisistas próprias dos adolescentes? Ou que dizer contra o fato de as crianças e jovens preferirem um desporto, tradicionalmente reservado ao adulto e, portanto, à margem das imposições, das certezas, das prescrições e seguranças pedagógicas, mas que lhes dá possibilidades de formação e afirmação da identidade? (p. 43-4).

Finalmente, o autor coloca que é duvidoso que o desporto, mantendo algumas tendências da evolução em curso, possa corresponder plenamente a estes propósitos. Deve-se dar ênfase à aprendizagem e ao prazer de jogar, dando prioridade aos valores intrínsecos do desporto ao invés de valorizar o rendimento e a competição pretensiosamente entendidas pelos adultos. O autor entende que a seleção de talentos, tal como uma acentuada especialização, não deve ter lugar antes da maturação dos adolescentes (Bento, 1999, p. 85).

Brougère (1998) explica que os jogos fazem parte da instrução e, ao mesmo tempo em que exercitam a inteligência, promovem o crescimento, boas condições físicas e saúde entre os jovens. Por serem exercícios físicos, tornam-se um meio de introduzir a criança em uma atividade física e podem ser usados para permitir um relaxamento necessário, cujo objetivo é propiciar um novo esforço intelectual, tornar lúdica a educação corporal e facilitar o aprendizado.

De acordo com Brougère (1998), os jogos comuns das crianças, bem diferentes dos adultos, nada mais são do que manifestações de uma “atividade séria”, sob formas mais leves. Surge, assim, uma autonomia de atividade lúdica infantil que permite a emergência de um discurso específico próprio, mas deve

ser controlado em uma lógica do artifício pedagógico, de modo que permita à criança adquirir conhecimentos relevantes.

Brougère (1998) complementa, afirmando que o meio de garantir a liberdade e a autonomia do movimento será deixar a criança mesmo inventar seus próprios jogos; na mesma medida em que a imitação enfraquece, a criação revigora a força autônoma.

Rousseau (apud Brougère, 1998) explica que o jogo é justificado essencialmente por seus atrativos, ou seja, tem caráter motivador por si só e é considerado como o meio de expressão das qualidades espontâneas ou naturais da criança, pois não haverá ligação entre o interesse espontâneo da criança e o aprendizado que se espera dela, se a atividade não for motivante.

Há que reinventar constantemente a educação, o ensino, a aprendizagem, a escola, os alunos e os professores. Há que recriar o desporto, fabricando novas idéias e palavras e encorajando os homens a servir-se delas. Como tentativa de descoberta renovada do sentido da vida e da modalidade do nosso comprometimento com ele (Bento, 1999, p. 6).

Para Castellani et al. (1992 apud Silva, 2004), o esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta em uma dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado em seus variados aspectos, para determinar a forma com que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não esporte “na” escola.

...a finalidade própria do esporte não é a educação. Apesar de se remeter ao esporte alguns objetivos tais como a saúde, a moral e o valor educativo, ele não o será, a menos que um professor/educador faça dele um objetivo e um meio de educação (...). Se o aprendizado dos esportes restringir-se ao processo de ensino-aprendizado de técnicas, gestos automatizados, onde somente o professor-técnico as conhece e domina, ou seja seu Sentido/Significado é compreendido somente pelo professor e ao aluno cabe apenas executá-las da melhor forma (...). Isto não quer dizer que se queira negar totalmente o esporte mas sim, levantar questões sobre sua orientação no sentido do Princípio do Rendimento e Concorrência, que selecionam os melhores, classificam e relegam os mais fracos. Há necessidade de mudanças tanto da “Ação” prática quanto da “Reflexão” teórica. A transformação didática dos esportes visa, especialmente, a que a totalidade dos alunos possa participar, em

igualdade de condições, com prazer e com sucesso, na realização destes esportes (Betti, 1995 p.26-27 apud. Lage; Gonçalves Jr.; Nagamine, 2007).

Com relação às lutas, Nascimento e Almeida (2007) sugerem considerar que o trato pedagógico do componente lutas na Educação Física escolar deva comportar necessariamente aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e a construção de conhecimentos significativos. Para eles, as reflexões que direcionam para a cultura do corpo de movimento como o conjunto de conhecimentos que devem ser “tematizados” pela Educação Física, “podem municiar, pedagogicamente, para construir possibilidades metodológicas para o trato específico deste tema” (p. 93),

4.2 O Karatê

4.2.1 O que é o Karatê

Segundo Funakoshi (1988), é impossível explicar com palavras a verdadeira natureza do karatê, mesmo que os esforços para isso “sejam levados até a exaustão, e além dela” (p. 12).

O karatê-dô, que significa “o caminho das mão vazias”, sendo kara (vazio), tê (mãos) e dô (caminho), é uma arte japonesa que utiliza técnicas com os pés e com as mãos (Velte, 1981 apud Silva, 2008).

É uma arte marcial de defesa pessoal e tem como principal objetivo o desenvolvimento do caráter de seus praticantes. Nela são treinados os braços e as pernas sistematicamente, sendo possível controlar um inimigo por uma demonstração de força igual à que faz uso de armas reais (Nakayama, 1978).

Um vale vazio pode ecoar o som da voz, do mesmo modo a pessoa que segue o caminho do karatê deve esvaziar-se livrando-se de todo egoísmo e ambição. Tornar-se vazio interiormente, mas reto por fora. Este é o significado verdadeiro de “vazio” no karatê. (Funakoshi, 1988, p. 25)

Uma das principais características que difere o karatê de outras artes marciais é o fato de serem empregados tanto o uso dos membros inferiores

quanto dos membros superiores, de modo que se desenvolvam igualmente. Também são praticados giros e saltos, com movimentos nas mais variadas direções (Funakoshi, 1988).

Geraldo de Paula (1996) refere que o karatê é “ilimitado” e que, para quem procura o autoconhecimento, é uma enorme fonte de riquezas. O autor comenta que o karatê é como a vida, na qual a todo o momento você aprende. Ao chegar à faixa preta, com o tempo e o desgaste, ela volta a ser branca, nos lembrando que continuamos, como no início, sempre aprendendo.

Segundo Funakoshi (1975 apud Silva, 2008) “o karatê-dô não é apenas um esporte que ensina a bater e dar ponta pés; é também uma defesa contra a doença e as moléstias”.

Conforme definição da Confederação Brasileira de Karatê e da Federação Gaúcha de Karatê, o Karatê-dô é a prática complementar de formação cultural e desportiva que se baseia no desenvolvimento dos sistemas de defesa pessoal e evolução interior característicos de Okinawa em seus primórdios, no séc. XVIII, e do Japão a partir do início do séc. XX.

4.2.2 A História do Karatê

A Confederação Brasileira de Karatê explica que o combate desarmado nasceu antes mesmo da história escrita. Contudo, as origens mais remotas são obscuras e, muitas vezes, ficam encobertas pelo folclore de uma variedade de culturas do mundo.

Um renomado estudioso da atualidade o Dr. Joseph Needham, afirma que em épocas antigas a meditação e os exercícios marciais faziam parte do Budismo. As artes marciais assim como o Budismo surgiu na Índia ou na China no século VI d. C. e posteriormente se difundiu por todo o Oriente (REID e CROUCHER, 2003, apud Silva, 2008).

Não se sabe exatamente a data em que surgiu o karatê, pois não existem registros escritos que possam fornecer esta informação. Sabe-se, porém, que ele teve início na antigüidade, em uma ilha ao sul do Japão chamada Okinawa. Foi devido à influência dos fidalgos japoneses que haviam conquistado a ilha na época e proibido seus súditos de carregarem armas, que muitas pessoas começaram a desenvolver formas de combate sem armas e a

praticá-las em segredo (Confederação Brasileira de Karatê; Federação Gaúcha de Karatê).

Justamente por ter sido praticado escondido e mantido em segredo absoluto que não é possível dizer quando nasceu o karatê. É por isso também que um grande número de escolas e estilos diferentes foi desenvolvido, sendo os mais destacados: Shotokan, Goju-Ryu, Shito-ryu e Wado-Ryu, todos com ramificações pelo mundo afora (Confederação Brasileira de Karatê; Federação Gaúcha de Karatê).

Basicamente podemos dividir sua história em dois períodos, antes e após Gichin Funakoshi, que devido aos seus esforços em divulgar essa arte para o mundo e torná-la acessível a todos, sua história acaba se confundindo com a própria história do karatê, por isso a ele é creditado o título de “pai do karatê moderno”. Os relatos do período anterior a Funakoshi possuem fatos controversos e são repletos de folclores, mistérios e estilo reservado, típico da cultura oriental (Silva, 2004, p. 3).

Segundo Nakayama (1977), por causa do comércio e de outras relações entre Okinawa e a Dinastia Ming da China, é provável que o karatê tenha sido influenciado por técnicas chinesas de luta, mas não há registros escritos fornecendo uma idéia clara do desenvolvimento do tê (mãos) de Okinawa, forma como era chamado inicialmente.

A história das artes marciais na China pode remontar a pelo menos seis mil anos. Diz-se que durante o reinado do rei Huang-ti, cerca de 2700 a.C., os soldados repeliram bárbaros com espadas aguçadíssimas, desde então ocorreram períodos turbulentos. Durante este período surgiram novas técnicas de lutas através de homens como: Ta-Shang Lao-ch'um, Ta-yi Chen-jen e Yuan Shih-t'ien, que fundaram as três Escolas primitivas de técnicas marciais. (...) O milênio seguinte testemunhou a evolução de dois estilos o Shag Wu, fundado por Shangsang Feng, ressalta acima de tudo o poder do ch'i (ki em japonês). Tai Chi e Pa-kua são bons exemplos do estilo e o Shaolin, que destaca a aplicação de técnicas de mão e de pé para bloquear e atacar, são vistas técnicas rígidas/suaves e longas/curtas, isto é, tanto técnicas de empurrar como técnicas curtas, de agarrar (Funakoshi, 1988, p. 20-21).

Por não haver praticamente nenhum material escrito sobre a história da origem do karatê, não é possível saber quem o inventou e desenvolveu, bem como saber exatamente onde foi sua origem e evolução. Esta história pode ser deduzida apenas a partir de lendas antigas que foram transmitidas oralmente, e elas, como a maioria das lendas, podem ser criações imaginárias e provavelmente incorretas (Funakoshi, 1975).

O karatê desembarcou no Brasil entre 1950 e 1957, no estado de São Paulo, juntamente com os primeiros japoneses. A primeira escola de karatê surgiu na Vila Prudente, onde os imigrantes Juichi Sagara, Yassutaka Tanaka, Sadamu Uriu e Tetsuma Higashino, amigos da Universidade Takugi, ministravam aulas do estilo shotokan de karatê (Almeida, 2006).

4.2.3 A Prática do Karatê

Para Funakoshi (1988), o iniciante começa a prática do karatê “aprendendo a moldar apropriadamente o punho. Em seguida, ele aprende as posturas básicas, as posições, os bloqueios e os ataques, e os repete indefinidamente” (p. 54). Segundo o autor, após o praticante ter adquirido uma melhor compreensão das técnicas básicas, se dá início ao aprendizado dos *kata*.

Os *kata*, ou exercícios formais, são combinações de técnicas fundamentais do karatê, executadas de uma maneira lógica e predeterminada, simulando uma luta contra vários oponentes, que se encontram na mente daquele que executa o *kata* (Nakayama, 1977).

Somente quando o praticante já possuir um melhor entendimento dos fundamentos e dos *kata* básicos, é que se pode começar a praticar o *kumite*, ou seja, a luta propriamente dita. Mesmo o praticante mais avançado e já engajado na prática do *kumite*, não deve cessar nunca o estudo e a prática dos elementos básicos (Funakoshi, 1998).

Segundo Nakayama (1977), a essência das técnicas do karatê é o *kime*, ou “ataque explosivo ao alvo usando a técnica apropriada e o máximo de força no menor tempo possível” (p. 11). O *kime* pode ser realizado não somente pelos golpes, socos ou chutes, mas também pelo bloqueio. O autor esclarece que excluir o *kime* das técnicas descaracteriza o verdadeiro karatê.

Na prática do *kumite* (luta), se utiliza o princípio do *sun-dome*, que significa interromper a técnica imediatamente (cerca de três centímetros) antes de entrar em contato com o alvo. Nakayama (1978), então, pergunta como é possível reconciliar a contradição entre *kime* e *sun-dome*? Em seguida, ele mesmo responde: “determine o alvo levemente adiante do ponto vital do

adversário. Ele então pode ser atingido de uma maneira controlada com o máximo de força, sem que haja contato” (p. 11).

O autor identifica que, para se conseguir isso, é importante o treinamento do autocontrole, qualidade necessária à prática do kumite. Ele afirma que, para se tornar um vencedor, é preciso primeiro vencer a si mesmo.

De acordo com Funakoshi (1998), o karatê deve ser praticado com a maior seriedade desde o princípio, ou seja, em cada movimento você deve imaginar-se enfrentando um adversário que empunha uma espada. Estima também que, para aprender a golpear corretamente, são necessários muito esforço, persistência e engenhosidade ao longo de vários anos de prática.

Nakayama (1977) afirma que, apesar de apenas alguns meses serem suficientes para aprender as técnicas básicas, seu domínio completo pode não ser alcançado mesmo após uma vida inteira de treino. “O estudante tem que praticar regularmente, com o máximo de concentração e esforço na execução de cada movimento” (p. 48).

4.2.4 A Filosofia do Karatê

De acordo com Silva (2008), o karatê é baseado em fundamentos éticos e filosóficos, e explica:

As artes marciais orientais possuem como característica o embasamento filosófico que busca o equilíbrio do corpo, mente e espírito através do *Budo*. A palavra *budo* significa *caminho marcial*, o *BU* é uma raiz que significa *marcial* e o *DO* é derivado da palavra em Chinês *TAO* e significa um caminho através da vida que os japoneses compreendiam como o caminho para se chegar ao desenvolvimento espiritual por meio dos treinamentos marciais e o karatê é um exemplo (VELTE, 1981 apud Silva, 2008, p. 2).

Segundo Funakoshi (1988), a palavra “dô”, que significa “caminho” ou “via” para o aprimoramento pessoal, tem vida própria, quer seja o “dô” de “budô”, “artes marciais”, ou o “dô” das outras diversas artes. Ele completa:

Precisamente por ter vida própria é que está sujeito ao ciclo inevitável de desenvolvimento e declínio. Ele está sempre mudando, mas só em sua forma exterior; sua natureza fundamental permanece imutável. Se o caminho atrai uma pessoa para percorrê-lo, ele floresce; caso contrário, ele define. O caminho do karatê pode ser chamado com justiça de um *budo* que se manifesta de forma nova e que busca zelosamente pessoas que por ele sigam (p. 11-12).

O autor alerta que não se deve limitar o karatê apenas ao dojô (local de treinamento) e nem considerá-lo apenas como um método de luta. O espírito da prática do karatê e os elementos do treinamento devem ser aplicados em todos os aspectos de nossa vida diária. Ele descreve que seu praticante deve ser “solícito” com a “cortesia”, sempre respeitando e obedecendo aos mais velhos. “Não existe arte marcial que não ressalte a importância da cortesia e das boas maneiras” (Funakoshi, 1998, p. 50).

É lamentável que o karatê seja praticado apenas como uma técnica de luta. As técnicas básicas foram desenvolvidas e aperfeiçoadas através de longos anos de estudo e de prática; mas, para se fazer um uso eficaz dessas técnicas, é preciso reconhecer o aspecto espiritual dessa arte de defesa pessoal e dar-lhe a devida importância (Nakayama, 1978, p. 9).

Nos depoimentos encontrados no livro de Geraldo de Paula (1996), o professor Vezzuli afirma que o karatê-dô é um caminho formador do corpo e do caráter através do aprendizado e cultivo da autodisciplina, da honra, da honestidade, do respeito ao próximo, da solidariedade, enfim, da integridade. Ainda ressalta que o praticante tem a responsabilidade de praticar, preservar e divulgar estes valores no dia-a-dia.

Silva (2004) destaca que é preciso crescer interiormente e, para isso, Funakoshi criou cinco princípios básicos, objetivando fazer com que o praticante busque sempre o fortalecimento e a valorização do “Eu interior”, através do estudo destes princípios. A finalidade destes ensinamentos é o aperfeiçoamento do caráter de quem pratica o karatê, e devem ser seguidos por todos seus praticantes. São lemas ou mandamentos do karatê:

- Dojo Kun (mandamentos para o dojô ou local de treinamento)

- 1- Esforçar-se para a formação do caráter.
- 2- Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão.
- 3- Criar o espírito de esforço.
- 4- Respeito acima de tudo.
- 5- Conter o espírito de agressão.

- Niju Kun (os vinte mandamentos)

- 1- Não se esqueça que o Karatê deve iniciar com saudação e terminar com saudação.
 - 2- No Karatê, não existe atitude ofensiva.
 - 3- O Karatê é um assistente da justiça.
 - 4- Conheça a si próprio antes de julgar os outros.
 - 5- O espírito é mais importante do que a técnica.
 - 6- Evitar o descontrole do equilíbrio mental.
 - 7- Os infortúnios são causados pela negligência.
 - 8- Karatê não se limita apenas à academia.
 - 9- O aprendizado do Karatê deve ser perseguido durante toda a vida.
 - 10- O Karatê dará frutos quando associado à vida cotidiana.
 - 11- O Karatê é como água quente: se não receber calor constantemente, torna-se água fria.
 - 12- Não pense em vencer; pense em não ser vencido.
 - 13- Mude de atitude conforme o adversário.
 - 14- A luta depende do manejo dos pontos fracos (KYO) e fortes (JITSU).
 - 15- Imagine que os membros de seus adversários são como espadas.
 - 16- Para cada homem que sai do seu portão, existem milhões de adversários.
 - 17- No início, seus movimentos são artificiais, mas com a evolução tornam-se naturais.
 - 18- A prática de fundamentos deve ser correta, porém na aplicação torna-se diferente.
 - 19- Não se esqueça de aplicar corretamente: alta e baixa intensidade de força, expansão e contração corporal, técnicas lentas e rápidas.
 - 20- Estudar, praticar e aperfeiçoar-se sempre.
- (Silva, 2008, p. 29-30)

Silva (2008, p. 2) diz que o karatê é “benéfico para todas as idades e sua filosofia corresponde com os valores que são propostos pelas escolas”, fazendo desta ferramenta um conteúdo de ensino pedagógico e educativo desde que bem orientado.

“O ensino do karatê, desvinculado de sua filosofia tradicional, pode representar riscos para o participante e para a sociedade” (Vianna, 1997, p. 113).

4.3 O Karatê como Conteúdo da Educação Física Escolar: Benefícios, Limitações e Desafios

Segundo Funakoshi (1988), na época em que o karatê ainda era praticado em segredo, certo professor chamado Jinjo Koto Shogakko começou a ensinar o karatê a seus alunos da escola primária. Após algum tempo, quando foi introduzido o recrutamento militar, pôde-se observar durante as inspeções médicas que aqueles recrutas que possuíam um treinamento de karatê se distinguiam imediatamente dos outros, devido ao seu físico bem desenvolvido. A notícia se espalhou e, conseqüentemente, o Comissário Municipal de Educação, Shintaro Ogawa, convidou o Mestre Itosu para realizar uma demonstração com seus alunos, em reunião com os diretores de escolas.

Ogawa ficou muito impressionado com a demonstração e com as opiniões de Itosu. Pouco tempo depois, num relatório ao Ministério da Educação, ele enumerou os méritos do karatê. O Ministério reconheceu o valor do treinamento em karatê-dô e concedeu permissão para incluir o karatê nos programas de Educação Física da Primeira Escola Secundária Pública de Okinawa e da Escola de Preparação de Oficiais (Funakoshi, 1988, p. 26).

Para Manoel (1995), a relevância dessa atividade, como outras lutas, ocorre principalmente no plano motor, no qual as capacidades físicas e motoras são amplamente solicitadas.

Funakoshi (1988) afirma que, através do treinamento contínuo do karatê, é possível desenvolver o corpo até atingir um alto grau de aptidão e de agilidade.

Para Nakayama (1978), o praticante de karatê domina todos os movimentos do corpo, como os saltos, as flexões e os balanços, aprendendo a movimentar os membros e o corpo em todos os sentidos de um modo livre e uniforme.

No aspecto motor, observamos a lateralidade, o controle do tônus muscular, o equilíbrio, a coordenação global, o equilíbrio, a idéia de tempo e espaço e a noção de corpo. No aspecto cognitivo, as lutas favorecem a percepção, o raciocínio, a formulação de estratégias e a

atenção. Ao que se refere ao aspecto afetivo e social, podemos observar em nossos alunos alguns aspectos importantes como a reação a determinadas atitudes, à posturas sociais, a socialização, a perseverança, o respeito e a determinação (Ferreira, 2005, p. 8).

Através da prática do kumitê (luta), as crianças aprendem a lidar com as relações interpessoais, a reconhecer o parceiro como alguém diferente e igual e, também a criarem, em uma combinação de solidariedade e cooperação, uma atmosfera de amizade e de respeito profundamente enraizado (FORTI, 1998 apud Silva, 2004).

Almeida (2006, p. 6) afirma que o karatê participa de uma forma global no desenvolvimento das crianças, pelas suas características motoras e sociais, “onde a disciplina, o respeito e o autocontrole são ensinados como plataforma no desenvolvimento do caráter do praticante”.

A metodologia do Karatê é direcionada para a formação de uma pessoa com valores morais e éticos, onde o relacionamento social é de extrema importância e seu comportamento seja sempre adequado e responsável. O praticante de Karatê também tem como características: concentração, atenção, disciplina, respeito e principalmente autocontrole sobre seus atos (Almeida, 2006, p. 6).

Segundo Sasaki (1989 apud Viana; Duino, 1999), o karatê pode formar “uma personalidade altruísta e generosa, livre do egoísmo e da maldade”. Para este autor, o treinamento propicia o desenvolvimento da capacidade de persistência, bem como da paciência, da coragem e do equilíbrio emocional, “oportunizando a auto-confiança, o auto-controle, a auto-realização e a autorecuperação. “Ele forma uma personalidade firme e equilibrada”.

Para Geraldo de Paula (1996), o praticante de karatê desenvolve um aguçamento dos sentidos, tornando-o realmente diferente de outra pessoa que não pratica o karatê. Ele deve estar sempre procurando se desenvolver de “dentro para fora”, ou seja, “desenvolver a mente para fortalecer o corpo”. Assim, o praticante se torna muito mais sensível e passa a ter seus sentidos muito mais aguçados e apurados.

Valores como dignidade, honra, trabalho, pacifismo, formação do caráter, persistência, humildade, são aprendidos na prática do Karatê que mantém as raízes da cultura oriental, ou seja, o Karatê como sabedoria ou modo de viver, em que o “DO” (caminho) se dá nas experiências cotidianas, para além do dojo, ou seja, não fragmenta a vida em si mesma da atividade (Lage, 2005, p. 23 apud Lage; Gonçalves Jr.; Nagamine, 2007, p. 4).

Sasaki (1991) alerta para os benefícios e malefícios que a prática do karatê pode trazer. Segundo o autor, quando esta atividade é trabalhada com a finalidade educativa, pode-se obter equilíbrio, tranqüilidade física, mental e social. Porém, se aplicada com a conotação simplesmente de “luta”, poderá causar no indivíduo uma série de traumatismos de ordem física e psicológica.

Para Sarmiento (2005), “a ênfase no resultado, se não põe em causa a competição, põe, com certeza, em dúvida a forma como é feita, afastando-se do seu próprio valor como prática social (educativa) que pretende ser” (p. 46).

O valor educativo da prática de Desportos de Combate na formação do jovem é evidente, quando devidamente orientada. Contudo, Torres e Galantinho (1977) afirmam que, sempre que é sugerida uma atividade em esportes de combate, há uma recusa sistemática dos professores baseada não somente na falta de material, como também pela ausência de conhecimentos técnicos específicos.

De acordo com uma pesquisa realizada pelos alunos do curso de graduação em Educação Física da UNIJUÍ, Campi Ijuí e Santa Rosa (RS), e da URI/Santo Ângelo (RS), segundo Nascimento (2007 apud Nascimento; Almeida, 2007), foram encontrados indicadores que se mostram argumentos restritivos para o ensino de lutas nas aulas de Educação Física Escolar. Os argumentos mais recorrentes nas respostas obtidas foram: 1) a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico; 2) a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco às práticas de luta, o que incompatibiliza a possibilidade de abordagem deste conteúdo na escola.

Porém, Nascimento e Almeida (2007) realizaram em seu estudo uma abordagem para o trabalho do ensino de lutas na Educação Física Escolar como uma das possibilidades do trato pedagógico do tema. Os autores buscaram, em seu relato, contrapor o argumento de que o professor precisa, necessariamente, ter tido vivências em lutas em seu cotidiano de vida, ou ser um especialista em alguma modalidade de luta, para poder trabalhar com este conteúdo nas aulas de Educação Física Escolar. Objetivando contribuir para a reflexão dos professores que se sentem “despreparados” em tratar este tema, relativamente “novo” na escola, Nascimento; Almeida (2007) Propõem:

Abordamos o esporte de combate/luta institucionalizado, no plano conceitual, para que os alunos pudessem se apropriar dos elementos que constituem as lutas, como histórico, rituais, crenças e principais regras, através de trabalho de pesquisa. Outro recurso utilizado para que os alunos compreendessem este tema foi a visualização e análise de vídeos das três modalidades estudadas (p. 96).

Segundo os autores, esta abordagem permitiu aos alunos aprofundarem seus conhecimentos sobre os esportes de “combate/lutas”, tendo em vista que o acesso a esses esportes é superficial e carrega uma grande dose de preconceito, atribuindo-lhes o imaginário de esportes violentos.

Como procedimento, Nascimento e Almeida (2007) deram ênfase aos jogos de lutas, destacando entre eles o cabo de guerra, briga de galo, exclusão de espaço com ombro, mãos, conquista da quadra do oponente e conquista de objetos com oposição.

Torres e Galantinho (1977) apresentam uma sugestão de trabalho com jogos de ataque e defesa, que podem ser utilizados em quatro situações:

1- como iniciação aos esportes de combate – no sentido de permitir o jovem de iniciar-se nos movimentos-base característicos dessas modalidades e habituando-o à presença de um companheiro (condição necessária para a prática de esportes de combate). Os autores reforçam que, em uma primeira fase da iniciação, o elemento predominante não deve ser a aquisição de estereótipos motores (repetição exaustiva da técnica onde a variação de elementos é mínima ou nula), e sim, que nestas idades devem ser proporcionadas as situações mais diversificadas possíveis, de modo que enriqueça o esquema motor do aluno.

2- como atividade recreativa em qualquer outra modalidade desportiva – pois o caráter lúdico que lhe é inerente vai ao encontro do interesse do jovem, permitindo assim dinamizar uma sessão de trabalho em qualquer modalidade desportiva.

3- como trabalho de força, coordenação, equilíbrio, em qualquer modalidade desportiva.

4- como atividade generalizada especialmente adequada à primeira fase do período preparatório, no planejamento anual das equipes de luta de baixa e média competição.

Os autores ainda citam algumas recomendações práticas, bem como diversos exemplos de jogos de ataque e defesa com caráter lúdico, buscando conservar suas características atrativas e dinâmicas (Torres; Galantinho, 1977).

Silva (2004) sugere que se trabalhe a iniciação em lutas de maneira progressiva, primeiramente abordando as lutas em geral através de jogos ou atividades relacionadas às mais diversas artes marciais, e posteriormente sim, abordando aspectos mais específicos de uma determinada modalidade de luta.

Assim que o tema lutas for apresentado dentro de uma aula de Educação Física, deve ser elaborada em forma de atividades que tragam a idéia de jogos de confronto, ou atividades de cooperação e assim por diante, sem adentrar em diferenças acerca das modalidades esportivas de lutas, assim que este tema em forma de “luta genérica” for assimilado, devem ser destacadas as diferenças entre as modalidades (assim como o futebol de campo e diferente do futsal, o karatê e diferente do kung fu), tanto no que diz respeito aos movimentos como nos aspectos filosóficos e sócio-culturais, sempre levando em conta que o mesmo deve seguir uma linha pedagógica coerente para uma aula de Educação Física escolar (Silva, 2004, p. 36).

O autor ainda apresenta algumas sugestões de atividades que não exigem nenhum movimento específico do karatê, mas que trabalham com conceitos de força, velocidade, resistência muscular, flexibilidade, coordenação e criação de estratégias para resolver o desafio proposto (Silva, 2004).

Essa intervenção nos possibilitou confirmar a tese de que não há necessidade de termos uma especialização em uma modalidade de lutas, desde que nosso objetivo não esteja pautado na formação de atletas/lutadores, mas na produção de conhecimento nas aulas de Educação Física. Isso não quer dizer que devemos desconsiderar as contribuições dos especialistas que dedicam seus estudos a este tema. Necessitamos da reflexão coletiva entre especialistas e não especialistas para produzirmos propostas bem fundamentadas e, com isso, sistematizar novas intervenções que irão contribuir em nossa prática pedagógica e, de certa forma, evitar o distanciamento com o tema (Nascimento; Almeida, 2007, p. 100).

Ferreira (2005, p. 2-3) afirma que “o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sócio-cultural do homem”, já que este luta por sua sobrevivência desde a pré-história. Ainda diz que as lutas devem servir ao profissional de Educação Física como instrumento de auxílio pedagógico.

Lecionamos a disciplina de educação física desde a educação infantil até o ensino médio e podemos comprovar que as lutas são sucesso em todos estes níveis. Na educação infantil, as lutas de animais (luta de sapo, luta do jacaré, etc.) ou a luta do saci tem ajudado muito na liberação de agressividade das crianças, além de

serem trabalhadas nestas atividades todos os fatores psicomotores. No ensino fundamental, lutas que requerem um maior esforço trazem excelentes respostas, como a luta do “empurra e puxa” ou o “ugauga” (tirar o colega de dentro do círculo central). No ensino médio fazemos um resgate histórico das modalidades, ligamos com a ética e os valores, as modalidades começam a ser exploradas de uma maneira mais profunda, levando ao conhecimento do tema (Ferreira, 2005, p. 2).

Quanto à agressividade, Santos (2009) afirma que ela se relaciona com as atividades de pensamento, imaginação ou de ação verbal e não-verbal. Ela é um impulso que pode se voltar para fora (heteroagressão) ou para dentro do próprio indivíduo (auto-agressão).

Este autor avalia que o acento dado por Freud a modelos de energia hidráulica levou à descrição de agressão como “uma pressão emergente, que precisa ser periodicamente descarregada ou temporariamente desviada para outros canais, a fim de que se reduza a pressão para descarga” (Santos, 2009, p. 10).

Segundo Freud (1913/1976), a psicanálise trouxe à luz os instintos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância. O autor mostra o interesse dominante que tem a psicanálise para a teoria da educação, referindo que somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las.

Freud (1913/1976) afirma que são inerentes ao ser humano os instintos sexuais e agressivos, sendo enganador os educadores que menosprezam inteiramente este importante fator da sexualidade e da agressividade em suas manifestações físicas e mentais.

Em sua obra, o autor sublinha que a supressão forçada de fortes impulsos instintivos por meios externos nunca produz, em uma criança, o efeito de extinção ou de controle sobre estes impulsos, mas conduz à repressão que acarretará em uma predisposição a problemas psicológicos ou até mesmo à doença mental.

A psicanálise observa o papel desempenhado pela severidade inoportuna e sem discernimento da educação na produção de neuroses ou na perda de eficiência e capacidade de prazer (Freud, 1913/1976). O autor demonstra que preciosas contribuições para a formação do caráter são realizadas através destes instintos sociais e perversos da criança, se não

forem submetidos à repressão, e sim desviados de seus objetivos originais para outros mais valiosos, através do processo conhecido como sublimação.

Freud (1913/1976) continua pontuando que nossas mais elevadas virtudes desenvolveram-se, como sublimações, de nossas piores disposições. A sublimação dos instintos, tanto os sexuais como os agressivos, constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural. É ela que torna possíveis as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas, ideológicas e físicas, que desempenham um papel tão importante na vida civilizada.

Freud (1930/1976) refere que a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto. Para isso, a civilização conta com a assistência da sublimação dos instintos, obtendo-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir de fontes de trabalho psíquico, intelectual e físico.

Sabe-se que as crianças sentem a necessidade de grande dose de exercício físico e tiram extraordinário prazer dessa atividade. Esse prazer tem ligação direta com os impulsos sexuais e agressivos. As brincadeiras ruidosas ou lutas com colegas, além do esforço muscular, têm uma grande dose de contato com a pele do oponente. Uma inclinação às lutas físicas e também às disputas verbais é uma busca da satisfação instintiva (Freud, 1913/1976).

Os instintos sádicos, agressivos e sexuais, se bem orientados, isto é, sublimados, para atividades socialmente valorizadas, como por exemplo, nos esportes, conduzem essas energias ao longo de trilhas seguras. O autor ainda complementa: “Tudo que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses ao indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida” (Freud, 1913/1976, p. 225).

A educação e os mecanismos sociais da lei e da tradição buscam a subordinação e o controle dessa agressividade. O mundo da cultura cria as condições para que o indivíduo possa canalizar esses impulsos para produções consideradas positivas, tais como: produção intelectual, artística e esportiva (Santos, p. 10).

Para Bull (1989), Coskley (1993), Caleja (s.d.) e Virgílio (1986) citados por Manoel (1995), as artes marciais são atividades capazes de contribuir para: a diminuição da agressividade, proporcionar autoconhecimento, melhoria do autoconceito, conhecimento de outras culturas e reforçamento de conceitos

acadêmicos, uma vez que há aprendizado sobre o movimento e através do movimento.

Lage, Gonçalves Jr. e Nagamine (2007) compreendem que os valores envolvidos na prática do karatê-dô podem auxiliar na educação, formação e desenvolvimento da criança, apresentando processos educativos particulares como a arte. Eles afirmam que, através do karatê, o sujeito poderá “compreender/comunicar-se com o outro e o mundo por meio da cultura corporal” (p. 16).

Portanto, a partir das intervenções com o Karatê-dô, enquanto manifestação do Budô nas aulas de Educação Física consideramos, com base nas entrevistas e diários de campo, ter ocorrido o desenvolvimento de processos educativos particulares que puderam levar o educando a sentir/perceber/apreender de forma crítica o seu cotidiano, respeitar a si mesmo e ao outro, ser persistente, humilde e sincero ao procurar disciplinar-se na busca pelo auto-aperfeiçoamento, entender a importância da coerência nas atitudes e valores dos seus atos, compreender-se como ser em construção e que esta é constante e não pode ser fragmentada em sua vida, contribuindo assim para a formação e desenvolvimento integral do ser humano (Lage; Gonçalves Jr.; Nagamine, 2007, p. 16)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem as lutas/artes marciais como um conteúdo possível e atrativo para ser desenvolvido nas aulas de Educação Física (BRASIL, 1997 apud Lage; Gonçalves Jr.; Nagamine, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notou-se que o aprendizado do karatê pode ser altamente benéfico tanto no sentido motor quanto no cognitivo, no social, no ético, no crítico e no emocional, desde que ensinado de maneira correta, respeitando as fases de desenvolvimento e as individualidades de cada aluno.

Foi possível perceber que, ao contrário do que equivocadamente muitas pessoas podem pensar ao verem as modalidades de lutas como uma forma de incentivo à agressividade, o ensino do karatê serve na verdade como uma forma de descarga para esse instinto agressivo inerente a todo ser humano (Freud, 1913/1976). O esporte, de um modo geral, é um dos principais meios para canalizar adequadamente esses impulsos agressivos, desviando-os para atividades consideradas positivas e socialmente aceitas. Certamente um dos principais benefícios do treinamento de karatê, é exatamente a diminuição da agressividade, presente no dia-a-dia das crianças das escolas regulares.

Tentando responder à pergunta feita na introdução deste trabalho, foi possível destacar uma grande variedade de benefícios que podem ser alcançados através da prática do karatê. Demonstra-se, com isso, que o ensino deste esporte pode sim contribuir, e muito, na formação dos alunos. A inserção desta prática nas aulas de Educação Física Escolar por certo seria de grande valia no desenvolvimento geral das crianças e adolescentes deste meio.

Porém, quando se tratar de iniciação esportiva, é preciso ter cuidado para que não haja uma especialização precoce, principalmente nas idades mais precoces. É aconselhável que seja realizada primeiramente uma abordagem mais ampla em relação às lutas em geral, possibilitando um aumento nas vivências motoras dos alunos, com uma maior diversidade de movimentos, essenciais nas idades iniciais, tornando-se, assim, uma prática mais pedagógica e passível de ser trabalhada nas Escolas de Ensino Infantil e Fundamental.

Neste sentido pedagógico, o ideal seria adaptar, na iniciação esportiva, atividades que não sejam trabalhadas de forma específica de uma determinada modalidade, como o karatê, o judô, ou a capoeira, por exemplo, e sim que se trabalhe através de brincadeiras ou jogos que tenham relação com as mais

diversas modalidades de luta, possibilitando assim uma maior variedade de movimentos, e conseqüentemente uma evolução mais gradual e completa no desenvolvimento motor dos alunos.

Somente depois de observada uma melhora significativa na motricidade dos alunos, se poderá, então, aos poucos, dar início a um trabalho mais direcionado a uma determinada modalidade, sendo necessário, neste caso, um conhecimento mais específico de alguma luta por parte do professor.

Como Nascimento e Almeida (2007) confirmaram em sua pesquisa, se direcionados o ensino nesta direção, é possível que um professor de Educação Física trabalhe com a iniciação em lutas, mesmo não sendo um especialista em nenhuma modalidade de luta, desde que possua um conhecimento básico sobre algumas delas e um bom repertório de brincadeiras e jogos relacionados a elas. Também podem ser realizados trabalhos de pesquisa com os alunos, servindo como uma introdução às diversas modalidades de artes marciais.

Com isso, além de contribuir para um aprimoramento do conhecimento sobre a pedagogia, o karatê e sua possível inserção na escola regular, o trabalho acaba servindo também como uma forma de desafio e incentivo a todos os professores de Educação Física, mesmo aqueles que não possuem um conhecimento específico de nenhuma modalidade de luta, para que busquem, pelo menos, entender um pouco mais a prática e a filosofia das artes marciais. Isso permitirá a realização de um trabalho pedagógico que vise uma melhoria no desenvolvimento e na aquisição de novos conhecimentos por parte dos alunos.

Este trabalho possibilitou um considerável aumento do conhecimento e entendimento do pesquisador sobre o tema proposto. Porém, ainda é necessário o estudo e a realização de novas pesquisas na área do karatê para que se possa, cada vez mais, divulgar esta arte marcial histórica de imenso valor pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. C. A influência do karatê no desenvolvimento motrício em crianças. **Revista Eletrônica de Educação Física**. 2006. Disponível em: <http://www.uniandrade.edu.br/links/menu3/publicacoes/educacao_fisica/revista2006/artigos/tmb/ruyter10/artigocientifico.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2009.

BENTO, J. O; GARCIA, R; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do desporto**. Cidade: Livros Horizonte, 1999.

BROUGÉRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CBK – Confederação Brasileira de Karate. Disponível em <<http://www.karatedobrasil.org.br>>. Acesso em: 05 out. 2009.

COSTA, A. F. G. de. **Guia para elaboração de monografias – relatórios de pesquisa**: trabalhos acadêmicos, trabalhos de iniciação científica, dissertações, teses e editoração de livros. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

FARIA Jr., A. G. de. Introdução à didática de Educação Física. In: **Educação Física mundial**: técnicas modernas. Rio de Janeiro: Honor, 1972.

FERREIRA, H. S. **As lutas na educação física escolar - parte do bloco de conteúdos... na prática ou apenas no papel?**. Ceará, 2005. Disponível em <<http://www.boletimef.org/biblioteca/1279/As-lutas-na-educacao-fisica-escolar-parte-do-bloco-de-conteudos-na-pratica-ou-apenas-no-papel>>. Acesso em: 31 out. 2009.

FGK - Federação Gaúcha de Karate. Disponível em <<http://www.fgk.com.br>> . Acesso em: 05 out. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREUD, S. (1913). O Interesse científico da psicanálise. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-dô: o meu modo de vida**. São Paulo: Cultrix, 1975.

FUNAKOSHI, G. **Karatê-dô Nyumon**: texto Introdutório do Mestre. São Paulo: Cultrix, 1988.

GHIRALDELLI Jr., P. **O que é pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LAGE, V.; GONÇALVES JUNIOR, L.; NAGAMINE, K. K. O Karatê-Dô enquanto conteúdo da educação física escolar In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SPQMH/UFSCar, 2007, p.116-133. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/biblioteca/1681/O-karatê-do-enquanto-conteudo-da-Educacao-Fisica-escolar>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MANOEL, E. J. et. alii. **Considerações sobre a inclusão de atividades motoras típicas de artes marciais em um programa de educação física**. ANAIS da II CICEEF, São Paulo, 1995, p. 65-68.

NAKAYAMA, M. **O melhor do karatê: visão abrangente – práticas**. São Paulo: Cultrix, 1977.

NAKAYAMA, M. **O melhor do karatê: fundamentos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, set./dez. 2007.

PAULA, G. G. **Karatê esporte: tática e estratégia**. São Paulo: Ibrasa, 1996.

SANTOS, J. C. **A legitimação social do Karatê-dô tradicional e o controle da “agressividade”**: um estudo da exclusão da ilicitude na prática desportiva. Disponível em <<http://www.sinpoljuspi.com.br/arquivos/artigos/ArtigoSobreLegitimidadeKarat%EAProfCirone.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2009.

SARMENTO, P. A função pedagógica do treinador: uma abordagem comportamental. **Treino desportivo**, Lisboa, n. 7, p. 46-51, nov. 2005. Edição especial.

SASAKI, Y. **Karatê-dô – caminho educativo**. São Paulo: CEPEUSP, 1991.

SILVA, M. C. C. da. **Vivenciando o karatê na educação física**: um estudo de caso com alunos do ensino fundamental II de uma escola pública. 2008. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação Física) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Caucaia, jun. 2008.

SILVA, P. S. **Práticas pedagógicas do karatê na Educação Física Escolar**: 2004. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Educação Física) – Curso de Educação Física da Faculdade Adventista do IASP, Hortolândia, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.boletimef.org/biblioteca/982/Praticas-pedagogicas-do-karate-na-educacao-fisica-escolar>>. Acesso em: 31 out. 2009.

TORRES, J. M.; GALANTINHO, A. Jogos de ataque e defesa nos desportos de combate. **Treino desportivo**, Lisboa, n. 12, p. 5-14, dez. 1977.

VIANNA, J. A.; DUINO, S. R. Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: a expectativa dos iniciantes. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 113-124, 1999. Disponível em:
<<http://www.boletimef.org/biblioteca/2149/Perfil-desportivo-dos-praticantes-de-artes-marciais>>. Acesso em: 30 out. 2009.